

A balada das três utopias perdidas

Intelectuais e amigos revêem a herança de Callado, Francis e Darcy

Ellsabeth Orsini e Paulo Roberto Pires

Editoria de arte/Claudio Duarte

O mais velho dos três, nascido em 1917, achava que o Brasil estava condenado a ser um país de segunda classe. O mais novo, de 1930, via no país uma terra arrasada de atraso e ignorância. O do meio, de 1922, acreditava que a desordem aparente da sociedade ia resultar numa ordem solar, utópica. Com as mortes de Antonio Callado, Paulo Francis e Darcy Ribeiro o Brasil perdeu, em menos de um mês, num luto quase ininterrupto, três Brasís. Foram três idéias de país contraditórias, excludentes e dissonantes como as três personalidades que, na literatura, no jornalismo e nas ciências sociais marcaram profundamente a cultura brasileira por cinco décadas. Despertando paixões, ódios, admiração. E até repulsa.

— Só a análise profunda do trabalho de cada um pode dizer seu real significado — diz o antropólogo Roberto da Matta, destacando que a coincidência das mortes não chega a representar uma nova etapa para a vida cultural. — O que tem que se fazer agora é o que se chama de trabalho do morto, procurar dar conta de alguma forma do espaço vazio que estas pessoas deixam. O Brasil não perde estas pessoas, mas fica mais rico por ter possibilitado a sua existência. O trabalho do morto é justamente transformar fantasmas em ancestrais, em herança.

Uma herança de difícil digestão no entender do escritor Eric Nepomuceno. Amigo de Callado e extremamente ligado a Darcy — a quem conheceu, ainda criança, como amigo de seu pai — para ele é impossível aplicar a estas perdas a máxima de que "vão-se os homens e ficam os livros". Para Nepomuceno, as mortes de Darcy e Callado marcam o fim de uma estirpe — na qual, destaca, Paulo Francis não pode ser enquadrado de forma alguma.

— Este é um país onde há consenso sem debate de idéias e eles eram debatedores de uma maneira construtiva, Antonio Callado em seu combate elegante e Darcy Ribeiro no espalhafato que era sua característica — compara Nepomuceno. — O que doeu no Darcy e em mim é que ele só teve reconhecimento no Brasil quando todo mundo sabia que ele estava acabado, que nunca mais ia ter poder ou incomodar. Ele sabia disso, mas tinha um humor que nunca tive e me dizia: o câncer tem muito prestígio.

Continua na página 2

